

Copyright © 2012 da Autora

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de textos
Daniela Marini Iwamoto

Revisão
Poliana Magalhães Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cançado, Márcia

Manual de Semântica : noções básicas e exercícios / Márcia Cançado. –
1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2013.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7244-722-5

1. Linguística 2. Português – Semântica 3. Semântica I. Título.

12-04547

CDD-401.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Semântica : Linguagem e comunicação : Linguística 401.43

2013

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*
Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

Papéis temáticos

O que são papéis temáticos?

Um fenômeno semântico que é tratado mais frequentemente dentro de uma perspectiva mentalista é a noção de papéis temáticos. Os papéis temáticos, quando vistos sob uma ótica semântica,¹ também são assumidos como representações mentais; são noções que dizem respeito à ligação entre conceito mental e sentido. Autores, como Jackendoff (1983, 1990), negam totalmente a relevância de conceitos como referência e valor de verdade para o estudo do significado. Um importante ponto concernente aos estudos dos papéis temáticos é a relação do evento com a estrutura conceitual mental, e da estrutura conceitual mental com a sintaxe. Esse tipo de preocupação não se encontra em outras teorias mentalistas, e geralmente teorias que abordam a questão dos papéis temáticos são mais conhecidas como teorias de Semântica Lexical. Vejamos, pois, o que vêm a ser os papéis temáticos.

A relação entre as funções semânticas que um item lexical estabelece com as funções sintáticas de uma sentença tem sua primeira origem no estudo do sânscrito pelo gramático indiano Pānini, por volta dos séculos 600 e 300 a.C. Entretanto, só bem mais tarde, o tema retoma seu interesse entre linguistas, com os trabalhos de Gruber (1965), Fillmore (1968) e Jackendoff (1972), entre alguns outros. Os autores alegam que é necessário assumir essas funções semânticas em estudos gramaticais, pois as funções gramaticais de sujeito, objeto e outras são insuficientes para traduzir certas relações existentes entre algumas sentenças do tipo:

- (1) a. O João quebrou o vaso com um martelo.
- b. O vaso quebrou com um martelo.
- c. Um martelo quebrou o vaso.

Em (1a), (1b) e (1c), *o vaso* tem a mesma função semântica de ser o paciente de uma ação, ou seja, aquele objeto que sofre a ação feita por um determinado agente; mas,

em (a) e (c), exerce a função sintática de objeto, e, em (b), de sujeito. Já *um martelo* tem a mesma função semântica de ser um instrumento da ação feita pelo agente em (a), (b) e (c);² entretanto, sintaticamente, está em posição de adjunção em (a) e (b) e em posição de sujeito em (c). Pode-se perceber então que, apesar de os sujeitos em (1) serem distintos, as orações não são distintas e sem relação. Na realidade, as três sentenças descrevem um mesmo evento, sob diferentes perspectivas. Por isso, existe algum tipo de dependência nas sentenças anteriores entre o verbo *quebrar* e as entidades *o João*, *o vaso* e *um martelo*. Essas entidades, relacionadas pelo verbo, assumem uma mesma função semântica dentro das três sentenças. Por exemplo, *o João* em (1a) tem a função semântica de ser o agente da ação de quebrar; *o vaso* em (1a), (1b) e (1c) tem a função semântica de ser o paciente da ação, o que sofre a ação de quebrar; e *um martelo* em (1a), (1b) e (1c) tem a função semântica de ser o instrumento da ação de quebrar. Repetindo, os exemplos são diferentes formas sintáticas de apresentação de um mesmo evento: existe o evento de *quebrar*, cujos participantes são *o João*, *o vaso* e *um martelo*. As diferentes relações sintáticas apresentadas em (1) nada podem dizer a respeito dessa relação de dependência. Portanto, a dependência está nas relações de sentido que se estabelecem entre o verbo e seus argumentos (sujeito e complementos): o verbo, estabelecendo uma relação de sentido com seu sujeito e seus complementos, atribui-lhes funções, um papel para cada argumento.³ São essas funções que chamamos de papéis temáticos.⁴ Veremos a seguir que os primeiros estudos sobre papéis temáticos assumem que a propriedade de o sujeito do verbo ser um agente é uma informação semântica primitiva contida no item lexical verbal.

Podemos perceber, também, que não existem apenas eventos relativos às ações, como *quebrar*, *abrir*, *fechar* etc. O homem também experimenta sentimentos, sensações, tem percepções, é capaz de relacionar coisas etc. Ou seja, existem, além dos eventos de ação, eventos mentais e outros que poderíamos classificar como relacionais. Os eventos mentais expressam uma experiência, seja psicológica (2a), seja perceptiva (2b), seja cognitiva (2c):

- (2) a. O João ama a Maria.
- b. O João enxergou a luz no fim do túnel.
- c. O João acreditou no jornal.

Não se pode dizer que *o João* tenha o papel de agente dos eventos descritos, visto que ele, simplesmente, passa por um processo de experiência mental. Isso se torna mais claro se compararmos (3a), em que temos verbos de processos mentais, e (3b), em que temos verbos de ação:

- (3) a. ?O que o João fez foi amar a Maria/enxergar a luz no fim do túnel
 acreditar no jornal.
- b. O que o João fez foi quebrar/abrir/fechar o vaso.

Quanto aos processos relacionais, também é impossível pensar no sujeito como tendo o papel de agente do processo, ou mesmo como tendo o papel de experienciador desse processo. Nesse tipo de oração, simplesmente relacionamos dois estados de fato:

- (4) a. O João é bonito.
b. O João tem uma casa.

Fica evidente, pois, que as relações semânticas, ou os papéis temáticos, estabelecidas entre os verbos e seus sujeitos e complementos (seus argumentos) podem ser de diferentes tipos.

Tipos de papéis temáticos

A partir desses estudos iniciais, a noção de papel temático foi incorporada a várias teorias gramaticais, das mais variadas formas. Os primeiros autores a estudarem essas noções adotavam a posição de que os papéis temáticos eram informações semânticas primitivas, que um item predicador já trazia marcadas em suas informações lexicais. Por exemplo, o verbo *quebrar* traria como informação que seu sujeito e que seu complemento seriam associados aos papéis temáticos de agente e paciente, respectivamente. A definição dessas noções semânticas era dada por uma lista de papéis temáticos. Autores como Fillmore (1968, 1971), Chafe (1970), Halliday (1966, 1967), Gruber (1976), Jackendoff (1972), entre outros, propõem uma extensa lista para a classificação dos diferentes tipos de papéis temáticos. Baseada nessa literatura, elaborei uma lista mais geral e abrangente de papéis temáticos (os papéis temáticos apontados são marcados em itálico nos exemplos):

a) Agente: o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle.

(5) *O João* lavou o carro.

(6) *A Maria* correu.

b) Causa: o desencadeador de alguma ação, sem controle.

(7) *As provas* preocupam a Maria.

(8) *O sol* queimou a plantação.

c) Instrumento: o meio pelo qual a ação é desencadeada.

(9) O João colou o vaso com *cola*.

(10) A Maria escreveu a carta com *uma caneta esferográfica*.

d) Paciente: a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado.

(11) O João quebrou *o vaso*.

(12) O acidente machucou *a Maria*.

e) Tema: a entidade deslocada por uma ação.

(13) O João jogou *a bola* para a Maria.

(14) *A bola* atingiu o alvo.

f) Experienciador: ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico.

(15) *O João* pensou na Maria.

(16) *O João* viu um pássaro.

(17) *O João* gosta da Maria.

g) Beneficiário: a entidade que é beneficiada pela ação descrita.

(18) O João pagou *a Maria*.

(19) O João deu um presente para *a Maria*.

h) Objetivo (ou objeto estativo): a entidade à qual se faz referência, sem que esta desencadeie algo ou seja afetada por algo.

(20) O João leu *um livro*.

(21) O João ama *a Maria*.

i) Locativo: o lugar em que algo está situado ou acontece.

(22) Eu nasci em *Belo Horizonte*.

(23) O show aconteceu no *teatro*.

j) Alvo: a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal como no sentido metafórico.

(24) A Sara jogou a bola para *o policial*.

(25) O João contou piadas para *seus amigos*.

k) Fonte: a entidade de onde algo se move, tanto no sentido literal como no sentido metafórico.

- (26) O João voltou de *Paris*.
 (27) O João tirou aquela ideia do *artigo do Chomsky*.

De posse dessas informações, devemos ser capazes de apontar os papéis temáticos, ou seja, as funções semânticas que os argumentos desempenham em grande parte das sentenças do português brasileiro. Por exemplo, na sentença *A Maria abriu a caixa*, podemos apontar o argumento *a Maria* como sendo o agente da ação descrita pelo verbo *abrir* e *a caixa* como o paciente dessa ação. Jackendoff (1972) propõe um teste para se identificar um agente: sentenças que têm um agente aceitam as expressões *deliberadamente*, *com a intenção de* etc. Isso reflete o fato de que um agente está caracteristicamente associado à vontade e à animacidade. Os exemplos em (28a) e (28b) identificam *A Maria* como agente em (28a), mas não em (28b):

- (28) a. A Maria abriu a caixa com a intenção de ver o que havia lá dentro.
 b. ??A Maria ganhou a caixa com a intenção de ver o que havia lá dentro.

Outros testes bem simples, sugeridos também por Jackendoff (1990), predizem que, para um agente (X), ocorrerá a estrutura em (29) a seguir; e, para um paciente (Y), ocorrerão as estruturas em (30):

- (29) O que X fez foi...
 (30) a. O que aconteceu com Y foi...
 b. O que X fez com Y foi...

Portanto, para identificarmos o agente *a Maria* e o paciente *a caixa*, aplicaremos os testes (29) e (30):

- (31) O que a Maria fez foi abrir a caixa.
 (32) a. O que aconteceu com a caixa foi a Maria abri-la.
 b. O que a Maria fez com a caixa foi abri-la.

Tente você, agora, descobrir quais são os tipos de papéis temáticos dos exercícios a seguir.

Exercícios

- I. Com base nas definições informais dadas na seção anterior, tente atribuir um único papel temático para cada expressão em *itálico* a seguir:
- 1) *A Maria* dirigiu até a festa.
 - 2) *O João* morreu.

papéis temáticos e posições sintáticas

Tendo sido identificados os papéis temáticos, segue, pois, uma pergunta fundamental: existe alguma relação desses papéis específicos com as posições sintáticas de uma sentença? Para o português, assim como para outras línguas próximas (inglês, francês, italiano etc.), podemos estabelecer que os papéis temáticos são associados às posições sintáticas por dois pontos: primeiro, por algum tipo de correspondência sistemática entre os papéis e as posições sintáticas; segundo, pela alternância que o verbo pode sofrer na sua estrutura argumental. Dentre as correspondências, existem algumas bem previsíveis na língua. Por exemplo, na ordem canônica, o agente geralmente ocorre na posição de sujeito; o paciente, na posição de objeto direto; e o instrumento, como um adjunto da sentença. Entretanto, essa não é a única possibilidade de ocorrência na língua. Outra possibilidade é quando um desses papéis é omitido e existe uma reorganização da estrutura sintática, a chamada alternância verbal. Por exemplo, a ordem canônica do verbo *espatifar* é a mostrada em (43a): o agente na posição de sujeito, o paciente na posição de objeto e o instrumento na posição de adjunto. Entretanto, há outras possibilidades desse verbo se organizar na sintaxe, como mostram os exemplos (43b) e (43c):

- (43) a. O João espatifou o gelo com esta pedra.
 b. Esta pedra espatifou o gelo.
 c. O gelo (se) espatifou.

Temos, em (43a), *o João* como o agente da ação e o sujeito da sentença, *o gelo* como o paciente que sofre a ação e o objeto direto da sentença, e *esta pedra* como o instrumento usado pelo agente para realizar a ação e o adjunto da sentença; em (43b), o agente é omitido e o instrumento ocupa a posição de sujeito; em (43c), o agente e o instrumento são omitidos e o paciente ocupa a posição de sujeito. Portanto, o verbo *espatifar* permite a seus três papéis temáticos ocuparem a posição de sujeito.

Vejamus outro exemplo de alternância verbal com o verbo *matar*; é possível omitir o agente da sentença em (44a) e, como resultado, ter o instrumento na posição de sujeito em (44b):

- (44) a. O João matou essa galinha com uma faca afiada.
 b. Uma faca afiada matou essa galinha.

Do ponto de vista da alternância na estrutura do verbo, podemos perceber que o verbo *matar* aceita que o sujeito seja omitido e que o instrumento ocupe a posição de sujeito. Entretanto, o verbo *matar* não aceita que o paciente ocupe a posição de

sujeito. Para descrevermos a situação somente da perspectiva do paciente, temos que usar outro verbo:

- (45) a. *Essa galinha matou.
b. Essa galinha morreu.

Os exemplos em (45) nos mostram que a ordem canônica é comum a todos os verbos, mas que a alternância da estrutura dos verbos depende de cada verbo específico, ou, como veremos mais adiante, depende do tipo específico de classe de verbos. Esses exemplos, também, nos mostram que a língua nos oferece possibilidades para falarmos das coisas no mundo. A primeira possibilidade tem relação com os tipos de papéis temáticos e a seleção da posição sintática específica, que é estabelecida pelo chamado Princípio de Hierarquia Temática; a segunda tem relação com a classe específica de verbos e como eles podem se reorganizar, a chamada *alternância verbal*.

Muitos autores têm sugerido que esse processo de diferentes papéis temáticos ocuparem a posição de sujeito é um processo hierárquico, não somente em português, mas também em muitas outras línguas. Parece que, quando um falante constrói uma sentença, tende a colocar o agente na posição de sujeito; se não houver um agente, a segunda preferência é para um beneficiário ou experienciador; a terceira preferência é para um tema ou paciente, e assim por diante. Esse processo é conhecido, mais geralmente, como princípio da hierarquia temática. Exemplificarei, aqui, esse princípio de uma maneira mais geral; entretanto, existem muitas versões dessa proposta hierárquica na literatura:⁶

- (46) Agente > Experienciador/Beneficiário > Tema/Paciente > Instrumento > Locativo

O diagrama pode ser lido em duas direções: os papéis localizados mais à esquerda do diagrama são os que têm maior preferência para a posição de sujeito; ou seja, o agente, o experienciador e o beneficiário têm a preferência para serem sujeitos. Os papéis localizados mais à direita têm uma preferência menor para a posição de sujeito; ou seja, será mais difícil encontrar um tema ou um paciente, ou um instrumento, ou um locativo em posição de sujeito. Uma segunda maneira de interpretar o diagrama é um tipo de regra de expectativa, isto é, se uma língua tiver um sujeito locativo, espera-se que essa língua tenha todos os outros papéis, à esquerda do diagrama, na posição de sujeito. Ou seja, essa língua terá como sujeito um instrumento, um tema ou um paciente, um experienciador ou um beneficiário e um agente. Entretanto, se uma língua permitir um instrumento na posição de sujeito, podemos esperar que essa língua tenha todos os outros papéis à esquerda nessa posição, mas não podemos

prever se essa língua permitirá ter como um sujeito um locativo, que fica em uma posição mais à direita do instrumento. Com essa previsão, não esperamos encontrar no mundo uma língua que permita um agente e um instrumento serem sujeitos e não encontrar um tema ou um paciente como sujeitos. Essa expectativa parece estar correta para o português, pois do instrumento para a esquerda encontramos todos os tipos de papéis temáticos propostos pela hierarquia na posição de sujeito; entretanto, não parece ocorrer um locativo nessa posição:

a) Sujeito agente:

- (47) a. O ladrão roubou a joia.
b. O menino pulou a janela.

b) Sujeito experienciador:

- (48) a. O João ama a Maria.
b. O João pressentiu o perigo.

c) Sujeito beneficiário:

- (49) a. A Maria recebeu o presente.
b. O João ganhou a corrida.

d) Sujeito paciente:

- (50) a. O João morreu.
b. O vaso quebrou.

e) Sujeito tema:

- (51) a. A bola rolou a montanha.
b. A seta atingiu o alvo.

f) Sujeito instrumento:

- (52) a. A chave abriu a porta.
b. Aquela caneta amarela escreveu essa carta.

g) Sujeito locativo:

- (53) a. *Belo Horizonte moro eu.
b. *Paris veio João.⁷

Para concluir, deixo claro que a proposta de hierarquia é muito aceita pela literatura linguística; no entanto, existem várias divergências a respeito da ordem dos papéis, de quais são os papéis realmente relevantes para a hierarquia e de outros pontos teóricos.

Exercícios

- I. Para cada um dos papéis temáticos a seguir, construa uma sentença em que esse papel temático ocupe a posição de sujeito:

- 1) agente
- 2) paciente
- 3) beneficiário
- 4) instrumento
- 5) experienciador

Estrutura argumental dos verbos

A cada tipo de verbo são associados diferentes papéis temáticos: *matar*, por exemplo, é associado a agente e a paciente, enquanto *morrer* é associado somente a paciente. Essas informações a respeito dos papéis temáticos dos verbos fazem parte do conhecimento semântico da língua que o falante adquire. Portanto, espera-se que essas informações, de alguma maneira, estejam estocadas no léxico. Devemos ter informações não somente a respeito do número e do tipo sintático dos complementos que um verbo pede, ou seja, a sua transitividade, mas também devemos saber que tipo de conteúdo semântico esse complemento tem, ou seja, se é um agente, um paciente etc. São essas informações que orientam a formação das sentenças na sintaxe. Essas informações, sintática e semântica, que um item verbal traz são geralmente chamadas de estrutura argumental.⁸ Vejamos um exemplo com o verbo *colocar*:

(54) COLOCAR: {Agente, Tema, Locativo}

A estrutura argumental em (54), além de nos dar a informação sintática de que o verbo *colocar* é um verbo bitransitivo, ou seja, tem dois complementos, também nos dá a informação semântica de que existe um agente, um tema e um locativo, que são as relações semânticas estabelecidas entre o verbo *colocar* e seus argumentos, e que o sujeito é o agente, o tema é o objeto e o locativo é o objeto indireto, pela ordem em que aparecem. As informações predizem que esse verbo, quando saturado (completado), deve formar uma sentença como (55):

(55) O João colocou o livro na mesa.

Em (55), todos os sintagmas da sentença estão especificados na estrutura argumental de *colocar*, descrita anteriormente. Entretanto, não é sempre que todos os sintagmas das sentenças fazem parte da estrutura argumental do verbo. Aos papéis temáticos que fazem parte da estrutura argumental do verbo, chamamos de argumentos (sujeito e complementos); aos que não são especificações do verbo, chamamos de adjuntos. Embora essa distinção nem sempre seja tão clara, ela é útil e muito usada. Para poder estabelecer essa divisão, proponho alguns testes bastante utilizados na literatura linguística:

- (56) a. O João colocou o livro no escritório.
b. O João leu o livro no escritório.

Como distinguir *o escritório* como argumento de (56a) e como adjunto de (56b)? Uma primeira motivação pode ser a necessidade da explicitação sintática do argumento para a gramaticalidade da sentença:

- (57) a. *O João colocou o livro.
b. O João leu o livro.

Portanto, o verbo *colocar* teria um locativo como argumento. Mas esse não é um teste infalível. Veja que, dependendo do complemento, podemos ter (58), que é perfeitamente gramatical:

- (58) O João colocou o chapéu e saiu.

Essa questão de adjunção e complementação é bastante complicada na literatura linguística e pouco clara ainda.⁹ Entretanto, temos sempre que nos valer dessas noções nas nossas análises. Intuitivamente, todos concordam que elas existem. Portanto, o que podemos fazer é aplicar alguns testes, mesmo como o anterior, tendo em mente que é só uma primeira fonte de restrição sobre a natureza funcional do sintagma. Outro teste relaciona-se com uma ordem preferível. Os adjuntos são percebidos como menos presos aos verbos, estruturalmente. Portanto, espera-se que adjuntos sejam mais flexíveis na sentença e que complementos sejam mais presos ao verbo:

- (59) a. No escritório, o João colocou o livro.
b. No escritório, o João leu um livro.

Parece que (59a) é uma sentença menos usual em português e que requer uma entonação mais específica. Ao contrário de (59b), que não requer uma entonação específica. Isso se deve ao deslocamento do argumento em (59a), que parece ser menos permitido, e do deslocamento do adjunto em (59b), mais livre. Outra informação a respeito de adjuntos é que geralmente são expressões de tempo, lugar, maneira etc. e podem coocorrer com todos os verbos. Por isso, não precisam ser especificados no léxico. Entretanto, existem verbos que expressam lugar ou tempo e que têm essas expressões como argumentos – e, portanto, como parte de sua estrutura argumental. É o caso de (55), que tem um locativo como argumento, expresso em sua estrutura argumental.

Ainda em relação à estrutura argumental dos verbos, podemos observar que alguns verbos formam uma classe semântica específica, de acordo com sua estrutura. Por exemplo, verbos como *dar*, *emprestar*, *doar*, *pagar* etc., que expressam uma transferência a partir do agente da ação, terão a seguinte estrutura argumental geral:

(60) Verbos de transferência: {Agente, Tema, Alvo}

Note que é uma maneira interessante de descrever características semânticas semelhantes. Outras classes específicas de verbos podem ser de verbos psicológicos: *amar, detestar, adorar, admirar* etc.; verbos de trajetória: *vir, ir, andar* etc.

(61) Verbos psicológicos: {Experienciador, Tema}

(62) Verbos de trajetória: {Agente, Fonte, Alvo}

Uma última observação a respeito das estruturas argumentais. Até aqui, tratei apenas dos verbos, os atribuidores de papéis temáticos por excelência; entretanto, há autores, como Anderson (1979), Cinque (1980) e Giorgi e Longobardi (1991), que também associam a alguns nomes (em geral, os deverbais, ou seja, nomes que se originam de verbos) a propriedade de atribuírem papéis temáticos; são nomes que pedem complementos:

- (63) a. a construção da *casa*
b. o aperfeiçoamento do *curso*

Ainda, Higginbotham (1985) estende a atribuição de papel temático aos adjetivos:

- (64) a. orgulhoso de *seus filhos*
b. contente com *seu desempenho*

E mesmo algumas preposições, em determinados ambientes, também atribuem papel temático a seu complemento; *sobre* atribui o papel temático de locativo a seu complemento em (65a), e *com* atribui o papel temático de companhia ao seu complemento em (65b):

- (65) a. Ele andou sobre *as águas*. (lugar)
b. Ela veio com *a Maria*. (companhia)

Exercícios

- I. Dê a estrutura argumental dos seguintes itens lexicais:
- 1) comprar
 - 2) receber
 - 3) dar
 - 4) amar
 - 5) preocupar